

EDITORIAL

Este número da *Media & Jornalismo* olha de vários ângulos as questões da inclusão e da participação digital na sociedade portuguesa, como são vividas pelas gentes que a habitam – de várias idades, situações sociais, etnias e origens –, revelando um mosaico humano que se relaciona com o digital de muitas e variadas formas, num contexto com assimetrias e outras particularidades que importa conhecer.

Para esses olhares contribuiu, em primeiro lugar, a investigação do Projecto *Inclusão e Participação Digital: Comparação de trajectórias de uso de meios digitais por diferentes grupos sociais em Portugal e nos Estados Unidos*, financiado pela FCT no âmbito do Programa UTAustin|Portugal. A génese, objectivos e resultados sumários desse Projecto que agora se encerra são apresentados no artigo de abertura, de Cristina Ponte e José Azevedo, coordenadora e vice-coordenador do Projecto e organizadores deste número da revista.

O artigo sobre a pesquisa de dez anos levada a cabo pela equipa norte-americana coordenada por Joseph Straubhaar permite olhar Portugal a partir de uma outra geografia e de um tempo mais dilatado, enquanto apresenta conceitos teóricos e orientações metodológicas amadurecidos e testados em pesquisas no terreno. À partida tão dissonantes nas suas paisagens sociais e níveis de desenvolvimento, a sociedade norte-americana e a sociedade portuguesa apresentam, afinal, pontos comuns no que se refere aos “mundos de vida” de grupos menos favorecidos socialmente – e da sua ligação ao digital.

Nas páginas seguintes, entramos no território português. Cristina Ponte apresenta um olhar sobre a rede dos Espaços Internet, mais de mil pontos de acesso público e gratuito à internet espalhados por quase todos os concelhos do país e apresentados publicamente como meios para “promover boas práticas e a coordenação das TIC com actividades de inclusão social” entre a “população geral”. Na ausência de relatórios públicos e de estatísticas oficiais, esse olhar, assente em observações directas e no cruzamento de dados contextuais, revela paradoxos da nossa paisagem digital: quem irá a esses espaços serão, na sua maioria, pessoas que *já sabem usar* a internet, com peso destacado para os mais novos, o que será confirmado no artigo seguinte, de José Azevedo e Maria João Seixas.

De facto, neste artigo, os inquéritos realizados nas áreas metropolitanas de Lisboa, Coimbra e Porto e incidindo sobre a população que frequenta esses espaços confirmam que na sua maioria são utilizadores regulares e frequentes da rede. Contudo, se o acesso ao digital parece ter-se democratizado, reduzindo o fosso digital entre homens e mulheres, a atenção às relações entre género e tecnologia torna possível evidenciar desigualdades nas oportunidades de usufruto das potencialidades de participação digital por parte das mulheres.

Outros resultados numa perspectiva de género são apresentados no artigo de Carla Ganito. Combinando resultados do inquérito anterior com entrevistas a jovens e mulheres de diferentes gerações, o seu artigo apresenta e discute a sua relação com o telemóvel, um meio digital de que se apoderaram e que manejam, com destreza variável, para a gestão

da sua vida pessoal, familiar e social. Assim se contraria a visão dominante de que *o feminino não cruza com a tecnologia* – e se sublinha que a mudança do estereótipo de incompetência tecnológica das mulheres exige “muito mais do que um telemóvel cor-de-rosa”.

Também combinando resultados quantitativos e qualitativos, agora entrevistas a jovens universitários, o artigo de Isabel Ferin Cunha e de Fernanda Castilho focaliza-se na geografia da Região Centro e em estudantes da Universidade de Coimbra, trazendo à tona as suas origens, aspirações, experiências quotidianas e considerações sobre o acesso à internet – onde se inclui um “lado lunar” sobre práticas não desconhecidas mas pouco discutidas.

Os dois artigos seguintes enfatizam questões de participação digital. Ricardo Campos e José Alberto Simões caracterizam o potencial dos meios digitais para a expressão de culturas juvenis, tomando como estudo de caso o manejo tecnológico ligado à produção expressiva de jovens negros que vivem em ambientes sociais desfavorecidos. O fenómeno do *rap negro*, que apresentam também com vozes dos seus protagonistas, revela-nos uma realidade poderosa de participação digital e de cidadania juvenil que importa tornar mais pública e falada.

Desconhecidas não serão as experiências correntes com a fotografia, de que fala o artigo de Daniel Meirinho de Souza. Nunca tanto se fotografou, se viu e se falou de fotografias como hoje, por via dos telemóveis e das redes sociais, mas será que esses *instantâneos* difundidos do *aqui e agora* contribuem para o trabalho de memória que associamos às fotografias de família nas ocasiões de festa, ou aos álbuns de viagens? O que distingue a nova experiência de fotografar e o seu potencial para práticas participativas e de identidade?

O derradeiro artigo, um olhar exterior ao projecto *Inclusão e Participação Digital* mas que não lhe é indiferente, centra-se nas tensões entre quem influencia como pensamos esta esfera social: o poder político e o poder mediático. A análise, de Rui Alexandre Novais e Joana Caldeira Martinho, aos enquadramentos jornalísticos que moldaram o aparecimento do computador *Magalhães*, em 2008, traz à tona as relações de negociação e de afirmação de sentido entre *spin doctors* e editores, por detrás das notícias que encheram os jornais no Verão e início de Outono desse ano. A sua leitura, anos depois, permite também constatar como se esfumou a atenção mediática aos impactos desse pequeno computador – não só nas escolas mas também nas famílias, nomeadamente nas de menos recursos.

As resenhas com que encerra este número da revista, assentes em investigação empírica e teoricamente sustentada, também contribuem com os seus olhares para nos ajudar a compreender a paisagem digital da sociedade portuguesa.

A Direcção